

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 69 — Domingo, 3 de Outubro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Mudança da hora

A hora legal foi atrasada 60 minutos, segundo o costume, às 3 horas da noite de hoje.

REALIDADES E EUFEMISMOS DA POLÍTICA INDIANA

O CASO da Índia — que bem pode chamar-se o doloroso caso da Índia — continua a ser esmaltado de incidentes que merecem ser anotados: uns verdadeiros, outros falsos, outros aparentes.

Os factos verdadeiros continuam a ser lamentáveis, pois se traduzem em actos inamistosos, ofensivos dos direitos portugueses, praticados na União Indiana e sempre a coberto de uma indesculpável impunidade. Ora são ataques da emissora oficial de Nova Delhi, ora insultos dos jornais indianos, ora campanhas tendentes a deturpar a verdade e a criar, por isso, na opinião pública um estado de espírito pouco propício ao esclarecimento da situação e à harmonia entre povos vizinhos.

No dia 16 de Setembro, mais dois grupos de satyagrahis, compostos por 13 indivíduos cada um, voltaram a violar as fron-

teiras de Goa, vindos da União Indiana, e recrutados em território do mesmo país. Foram imediatamente presos pela policia portuguesa e pela população e vão ser entregues ao poder judicial.

A avaliar pelo estado em que se apresentam, pela docilidade com que recolhem às prisões e pela forma como falam do desemprego e das difíceis condições de vida na União, deduz-se que estes pseudo-voluntários preferem a clausura dentro do país que violaram e que lhes assegura cama e mesa, às condições de promiscuidade e miséria dos bairros pobres de Bombaim, onde são aliciados a tantas rupias por dia. Como disse a esposa do Governador de Diu, à sua chegada a Lisboa, no dia 20 de Setembro, os satyagrahis procuram em território português o pão que nunca comeram com regularidade.

Entretanto, após mais de um mês de promessas não cumpridas, só há dias regressaram a Damão os defensores de Dadra e Nagar-Aveli, territórios que continuam usurpados e cujo acesso — tanto a forças portuguesas como a observadores nacionais ou estrangeiros — a União continua a não permitir.

Estes e outros factos, altíssimos bem conhecidos pelo noticiário do dia-a-dia, criaram internacionalmente um clima de exaltação que não tolera semelhante procedimento; e, externamente, concitaram a opinião internacional a condenar a política da União Indiana para com Portu-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



Praia de Santo António — A praia popular que vai ser servida por um caminho de acesso, cujas obras devem iniciar-se brevemente.

A NOSSA TERRA O PLANO DE ACTIVIDADE CAMARÁRIA PARA O ANO DE 1955

prevê, entre outras obras importantes, a construção DE UM HOTEL DE TURISMO EM MONTE GORDO

A ÚLTIMA reunião do Conselho Municipal aprovou o Plano de Obras a realizar, no ano de 1955, no concelho de Vila Real de Santo António. Nesse Plano, cujo orçamento atinge a elevada soma

de 4.500 contos, estão incluídas algumas obras da maior importância para a nossa terra. Embora com algum atra-

zo, motivado por circunstâncias alheias à nossa vontade, não queremos deixar de dar aos nossos leitores, em resumo, os melhoramentos previstos em todo o concelho:

Em Vila Real de Santo António: Construção da Avenida da República — 2.ª fase (1.º troço — 200 m.) 400.000\$00; Construção do caminho de acesso à Ponta de Sto. António (já participada) 252.000\$00; Construção de sentinas públicas, na Avenida da República, 80.000\$00; Construção da Praça Eng. Duarte Pacheco, 300.000\$00; Construção de instalações sanitárias para o Tribunal e Serviços Municipais, no edifício dos Paços do Concelho, 100.000\$00; Electrificação do concelho — Adaptação

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

A IMPORTAÇÃO DO BIQUEIRÃO ANCHOVADO

A IMPORTAÇÃO de filetes de anchova em azeite, generalizada a toda a indústria de conservas em molhos, teve o seu início em 1957, por iniciativa do I. P. C. P. Com a criação da nova indústria tinha-se por principal objectivo recuperar os salários perdidos no defeso com o pagamento de subsídios obrigatórios aos operários. Até então, as quantidades que se fabricavam de filetes de anchova eram mínimas, cerca de 80 toneladas por ano, limitadas a duas ou três fábricas

italianas. A nossa produção de biqueirão anchovado, bastante volumosa, era exportada em bruto para a Itália, inferiorizada em preço, e ali valorizada com a fabricação de filetes em azeite, que eram depois vendidos para os mesmos mercados que consumiam as nossas conservas de outras espécies.

A iniciativa do I. P. C. P. trouxe múltiplas vantagens, económicas e sociais: aliviou os industriais de conservas dos grandes encargos com a mão de obra de-

socupada no período de defeso e que passou a ser incorporada em larga escala no novo produto; aumentou consideravelmente o rendimento da pesca; auxiliou a oleicultura nacional com o consumo extra de cerca de 500 ton. de azeite e canalizou para o país uma soma elevada de cambiais, dólares principalmente, que totaliza por ano mais de 100 mil contos. O volume e o valor dos nossos filetes de anchova dão-lhe hoje o segundo lugar, depois das sardinhas, no quadro das nossas exportações de conservas de peixe. Em vez das 80 ton. de antes de 1957, exportam-se hoje, em média, cerca de 5.000 ton. O quadro seguinte dessa exportação evidencia o enorme esforço desenvolvido pela indústria das conservas para valorizar uma riqueza íctica nacional depreciada:

| | Ton. | Ton. | |
|---------|-------|---------|---------|
| 1938... | 2.749 | 1946... | 5.482 |
| 1939... | 88 | 1947... | 5.297,5 |
| 1940... | 604,8 | 1948... | 5.255,8 |
| 1941... | 1.440 | 1949... | 2.105,2 |
| 1942... | 1.412 | 1950... | 2.757,5 |
| 1943... | 875 | 1951... | 2.928,4 |
| 1944... | 1.333 | 1952... | 2.092,8 |
| 1945... | 1.301 | 1953... | 2.473,4 |

A indústria dos filetes de anchova atingiu, pois, hoje, um va-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

URBANIZAÇÃO DA VILA

A fim de trocar impressões com o sr. presidente e vereadores da Câmara Municipal, esteve nesta vila, nos dias 25 e 29 do mês findo, o arquitecto sr. Paulo de Carvalho Cunha, encarregado da remodelação do ante-plano de urbanização de Vila Real de Santo António.

Na passada sexta-feira, deslocou-se a Faro, para uma conferência com o sr. Director dos Serviços de Urbanização da capital do Distrito, os srs. Dr. Alonso Vasques e Matias Barroso Gomes Sanches, respectivamente, presidente e vice-presidente da Câmara Municipal deste concelho.

Almirante AMÉRICO TOMAZ

A FIM de fazer entrega, ao Prelado da Diocese, do edifício onde esteve instalado o Departamento Marítimo do Algarve, em Faro, e que vai ser readaptado às suas antigas funções de Paço Episcopal, visitou a nossa província o sr. almirante Américo Rodrigues Tomaz, ilustre ministro da marinha.

O distinto visitante foi hóspede do sr. eng. Sebastião Ramirez e de sua esposa, na Quinta de Cima, em Cacela, tendo sido homenageado com um jantar a que assistiram, além daquele membro do Governo, os srs. eng. Mascarenhas Gaivão, governador civil do distrito, D. Frei Francisco Rendeiro, bispo coadjutor do Algarve, dr. José Correia do Nascimento, presidente da Junta de Província, e capitão-de-mar-e-guerra Henriques de Brito, capitão dos portos de Vila Real de Santo António, Faro e Tavira.

SENSATO programa de trabalhos

JÁ a grande Imprensa e as gazetas regionais deram o merecido relevo ao programa de trabalhos do nosso Município. Dele constam obras que muito hão-de valorizar a nossa terra no seu aspecto urbanístico, higiénico e turístico. E' um rol de afazeres que nos desvanece pelo que significa de desejo de bem acertar e pelo que traduz de capacidade de realização da nossa edilidade.

Se tudo o que se contém nesse programa é digno do aplauso público, um pormenor há que não pode deixar de ser visto com a maior simpatia, pelo que ele representa de benefício, não só para o Algarve como para o País. Referimo-nos, está bem de ver, à inclusão de uma verba para a construção do hotel na Praia de Monte Gordo. Não nos surpreendeu o aparecimento desta verba no plano de trabalhos do nosso Município. Isso não quer dizer que daqui não aplaudamos, às mãos ambas, uma medida de alto interesse turístico e

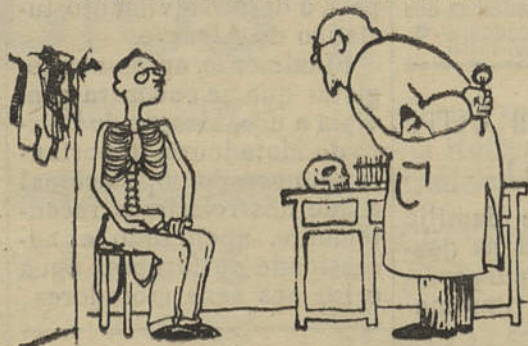
(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Exportação de conservas este ano No primeiro semestre deste ano, foram exportadas as seguintes quantidades de conservas: (em quilos) — atum e similares, em salmoura, 299.039; atum e similares, em azeite ou molhos, 1.936.187; cavala em azeite ou molhos, 428.102; sardinha e similares, em salmoura, 447.494; sardinha em azeite ou molhos, 16.296 428; similares de sardinha, em azeite ou molhos, 2.119.428.

O principal comprador de conservas de atum e similares, em azeite ou molhos, foi a Itália, com 1.531.947 quilos, seguindo-se, no que respeita a sardinha em azeite ou molhos, a Alemanha com 4.106.606 quilos. Depois deste país, figura o Reino Unido com 8.435.267 quilos. O principal comprador de anchovas foram os

O RISO DA SEMANA



— Perdão, eu disse-lhe para ficar só a camião... (CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Conta = Gotas

Por MABIA MANUELA NUNES

Diário

Sim. Penso que nunca, por medo, deixarei de procurar molar a vida pelas minhas próprias mãos. Adivinho que, se cedesse ao medo, perderia todo o respeito que deno a mim própria. Não conseguiria, nunca mais, olhar o sol de frente. Não é o medo que envergonha; envergonha ceder ao medo. Compreender isto eis o melhor sinal de que se conquistou a liberdade. Por isso, confio em mim.

Primeiras letras

Pessoas há, com instrução, que, no que diz respeito às lições da vida, são autênticas analfabetas. Que não aprendam, por exemplo, isto tão simples: que a vaidade é o pedestal onde os mediocres se julgam mais altos; que o silêncio do mar é aparente — dentro dele a luta, a vida, a esperança, continuam; que a ingratidão é a forma de que se serve a vida para castigar os benfeitores interessados; que os que sofrem por amor da verdade esses são os bom-aventurados.

Vida

Cada vez maior a distância entre mim e o velho barracão poeirento e insalubre. Não voltarei mais, não voltarei. Todas as fibras do meu ser tendem para diante como as velas da nau em busca de outras Índias.

Dicionário

O dicionário mais belo será aquele de onde a palavra guerra estiver banida. E a sua beleza maior está em que todos podem colaborar nele.

EFICIÊNCIA FERROVIÁRIA

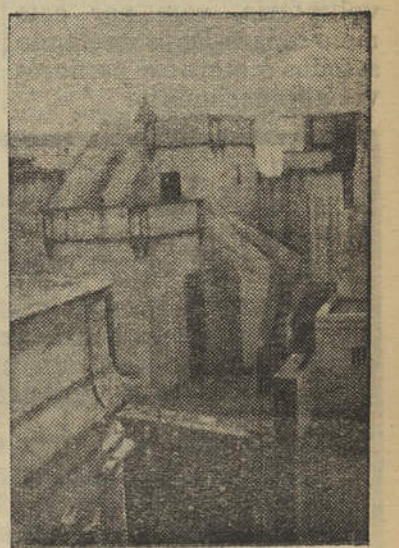
A C. P., empresa de utilidade pública, a quem o Algarve deve extremos de zelo e constantes manifestações de carinho, delibou magnanimamente servir esta província, desde o passado dia 29 de Setembro até ao dia 10 deste mês, com combóios rápidos diários.

Não podemos deixar de render louvores à C. P., muito desvanecidos com mais esta gentileza para com o Algarve, pois estes rápidos «dez dias de rápido» largamente comprovam a eficiência ferroviária da C. P.

A FEIRA DE OLHÃO

A FEIRA de Olhão, que teve lugar nos dias 28 e 29 de Setembro, findo, esteve este ano particularmente concorrida. Como resultado da laboração intensa que ultimamente se tem verificado na indústria conserveira daquela importante vila, fizeram-se muitas transacções e os divertimentos tiveram um público excepcionalmente numeroso. Três circos, quatro pistas de automóveis eléctricos, três «carrousséis» e tantos outros divertimentos, fizeram bom negócio.

Tanto a disposição da Feira como a iluminação do recinto foram felizes. Outro tanto não se poderá dizer da ausência de água para rega do terreno, cujo barro, ressequido por um sol abarçador e um calor excepcional neste começo de Outono, se transfor-



Aspecto típico de Olhão

mava em núvens de pó. Mas, ninguém deu por isso. Nem mesmo as elegantes, a quem o pó não impediu de disputarem os automóveis eléctricos, com uma persistência e um entusiasmo dignos de menção.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

De Lisboa, onde tomou parte na Reunião Anual dos Assistentes Religiosos da Mocidade Portuguesa, regressou a Faro o rev. Padre Carlos do Nascimento Patrício, distinto director do nosso prezado colega «Folha do Domingo».

Regressou de Matosinhos, onde se encontrava de visita a sua família, acompanhada de seu pai, que foi a Lisboa ao seu encontro, a menina Maria Mercedes Munhos Samúdio, filha do nosso prezado assinante e conterrâneo, sr. João Samúdio.

Acompanhada de seus filhos, retirou para Lisboa a sr.ª D. Maria Manuela de Sousa Cruz, esposa do nosso prezado assinante e amigo, sr. Renato Adriano da Cruz.

De visita a seus pais, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. João Ribeiro Clemente, funcionário do Banco de Portugal, em Portimão.

Esteve nesta vila, tendo-nos dado o prazer da sua visita à nossa redacção, o sr. eng. Rogério Lima, filho do nosso prezado amigo e colaborador, sr. prof. Manuel José da Trindade e Lima.

Esteve alguns dias em Albufeira a nossa prezada assinante, sr.ª prof.ª D. Luísa Alves Nunes.

Na excursão que se deslocou ao sul da Espanha e Marrocos Espanhol, tomaram parte os nossos prezados amigos e assinantes, srs. António da Silva Pena, António Pena, João Helena e esposa, e Vicente Rodrigues Peral e esposa.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção, o sr. Carlos Alberto Cavaco, nosso prezado assinante em Almada de Ouro.

Retirou para Lisboa o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Alberto de Sousa Oliveira, funcionário superior do I. P. C. P.

Regressou da capital a nossa estimada assinante, sr.ª D. Maria dos Anjos Neves, professora oficial nesta vila.

Encontra-se em Moura, com sua filha Luísa, a sr.ª D. Felisbela da Costa Campinas, esposa do nosso amigo, prezado assinante e colaborador, sr. António Vicente Campinas.

Com sua esposa e filho, retirou para Vendas Novas o nosso prezado assinante sr. João Henrique Soares.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa redacção, o nosso prezado assinante, sr. Manuel Pires da Rosa, que retirou de Alhos Vedros e ficou residência nas suas propriedades, no sítio das Hortas.

Agradecimento

António da Costa Salas, e seu cunhado Francisco Guerreiro, vêm muito reconhecidos, agradecer a todas as pessoas que se interessaram pela saúde e se dignaram assistir ao funeral de sua muito querida e saudosa esposa e irmã — Catarina Brites Guerreiro Salas — e receando incorrer em qualquer falta, embora involuntária, vêm por este meio repará-la, protestando a todos o eterno e perdurável agradecimento.

Para si, minha senhora...

UMA LATA DE LEITE PARA UMA CRIANÇA DA ÍNDIA

PERMITA-ME, minha Senhora, que não fale hoje das modas apresentadas em Paris, em Londres ou em Nova Iorque, e lhe venha fazer um pedido bem simples: uma lata de leite condensado.

Eu sei que a altura é a menos bem escolhida para fazer pedidos. E' precisamente agora que, de um dia para o outro, nos achamos «sem nada que vestir». E' necessário pensar no chapéu, no casaco, na carteira do novo modelo, pois a antiga já se não pode ver. E' inadivável a compra de um fato de «bater», para o marido. As matriculas dos mais velhos pesam nos orçamentos e, além disso, os mais pequenos cresceram imenso nas férias. Se é possível, com um pouco de habilidade, fazer «crescer» e «alargar» os vestidinhos e os casacos, para o calçado não há remédio possível. Mas os mais pequenos... estão crescendo, bonitos, felizes. Não lhes falta o carinho dos pais e alimentação adequada, onde o leite desempenha o principal papel. E já pensou, minha Senhora, o que sentiria, se, de repente, os visse privados desse leite indispensável ao seu desenvolvimento natural? Pois olhe para os seus pequeninos e lembre-se, por instantes, daqueles outros que, na longínqua Índia Portuguesa, correm o risco de serem privados, talvez em breve, do seu leiteinho. Porque os seus pais querem continuar a ser portugueses (e orgulhem-nos deles, que portugueses dos melhores se têm mostrado nesta emergência), a União Indiana estabeleceu um bloqueio económico, de que resulta haver menos facilidade na obtenção de certos produtos. Um deles é o leite, que, se ainda não falta, pode bem depressa vir a faltar. As dificuldades na livre passagem doutros produtos tornam o leite mais procurado e as crianças pobres são quem mais sofrerá com essa anormalidade da vida económica.

Constitui, sem a menor sombra de dúvida, um belo movimento nacional, o envio de tabaco e fósforos para os soldados portugueses, que na Índia estão prontos a defender as nossas cores. Mas porque não havemos nós, mulheres, de lançar outro, enviando leite aos pequeninos portugueses que dele possam necessitar? Basta uma lata de leite condensado. Apenas uma. Pode enviá-la à Comissão encarregada de remeter as nossas lembranças aos portugueses da Índia, na Rua Marquês da Fronteira, 10, r/c, em Lisboa. Esta Comissão é constituída pelos representantes da Caridade, da Cruz Vermelha, da Mocidade e da Imprensa, e tem trabalhado tão activamente que, num curto espaço de tempo, já seguiram alguns milhares de encomendas. Se pensarmos em que os pacotes são dirigidos individualmente (apenas o tabaco e os fósforos não podem seguir juntos, por haver o perigo de incêndio)

Estes ilustres visitantes eram acompanhados por um engenheiro de nacionalidade brasileira.

Constata-se que Tennyson e Carlyle tinham — quando se visitavam — longos colóquios em silêncio. Lado a lado, passavam largo tempo, sem se dizerem nada, apenas entregues aos seus pensamentos. Embora mudos, era isso afinal como se estivessem conversando numa doce efusão de idéias e sentimentos. Silêncios falados só os podem ter os amigos íntimos. Os indiferentes não podem suportar lacunas na conversa. E' forçoso que falem constantemente, enquanto estiverem juntos. Silêncios entre eles são momentos de angústia.

DOCA DE PESCA

De visita ao porto comercial e ao local onde se estão a proceder às sondagens preparatórias para a construção da doca de pesca, estiveram nesta vila os engenheiros srs. Carlos Abecassis, director dos Serviços Marítimos do Ministério das Obras Públicas, e Custódio Rosado Pereira, director da J. A. dos Portos de Sotavento do Algarve.

Estes ilustres visitantes eram acompanhados por um engenheiro de nacionalidade brasileira.

saltam aos olhos a boa vontade e a diligência com que se está trabalhando.

A Comissão fará também chegar «a sua lata de leite» a uma criança da Índia, more no Continente, em Moçambique, em Angola, na Guiné, em Macau ou numa das Ilhas Atlânticas. Mas talvez seja uma portuguesa residente nos Estados Unidos, na Argentina, no Uruguai ou no Brasil... Longe da Pátria, o seu coração sentirá ainda mais o desejo de manter o sorriso feliz das crianças portuguesas. Eu sei que, em qualquer parte do Mundo, posso contar com a sua ajuda nesta campanha agora encetada e que será mais um elo a unir todas as mães lusitanas espalhadas pelo mundo — outrora tão vasto, mas agora tão encurtado pela aviação. E, graças precisamente a essa aviação, a sua latinha de leite, minha Senhora, chegará quase ao mesmo tempo, ainda que venha de Nova Bedford ou de S. Paulo, do que a enviada pela sua irmã do Minho ou do Algarve. Eu conto consigo. Bem haja.

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

VELHO TEMA

«NEM tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.» Assim o disse Machado de Assis, em relação à linguagem, sugerindo que dos antigos escritores muito há que aproveitar, sem termos parar no que eles fizeram.

Importa não ter a superstição do passado, nem ter a fobia do presente e do futuro. Sabidos sobre o que nos deixaram os antigos, é nossa obrigação social ir construindo o futuro. E devemos apeteer aos vindouros que nessa atitude nos considerem a nós, que, então, seremos antigos. Não podemos cortar o cordão umbilical que nos prende ao passado. Nous sommes toujours le fils de quelqu'un. Mas tenhamos também a coragem de ser pais de alguém, que triste seria morrer sem deixarmos descendência.

VERDADE

Alguma vez se há-de calar o que se pensa, mas que se diga sempre pensada e sinceramente o que se disser. Depois, é só esperar pelos amargos de boca, porque a verdade dita par plein texte sans mettre glose, é da qualidade de parir antipatias por todos os poros. O poeta latino disse a coisa assim: Veritas odium parit.

SILÊNCIOS FALADOS

Conta-se que Tennyson e Carlyle tinham — quando se visitavam — longos colóquios em silêncio. Lado a lado, passavam largo tempo, sem se dizerem nada, apenas entregues aos seus pensamentos. Embora mudos, era isso afinal como se estivessem conversando numa doce efusão de idéias e sentimentos. Silêncios falados só os podem ter os amigos íntimos. Os indiferentes não podem suportar lacunas na conversa. E' forçoso que falem constantemente, enquanto estiverem juntos. Silêncios entre eles são momentos de angústia.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



FABRICA DE TINTAS EXCELSIOR

TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositária nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

A NOSSA TERRA O PLANO DE ACTIVIDADES PARA 1955

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

da central à corrente alterna, com ligação às centrais elevatórias de águas e de Monte Gordo, 300.000\$00; Construção da Praça da Misericórdia, 100.000\$00; Construção da rede de esgotos da Zona Sul da Vila — (1.º troço), 300.000\$00; Obras de arranjo da escadaria dos Paços do Concelho, 50.000\$00; Reparação do edificio da escola masculina, da Vila.

Em Monte Gordo: Construção de um Hotel de turismo, 500.000\$00; Construção de retretes na Praia, 60.000\$00; Reparação e regularização da Rua A., 50.000\$00; Reparação e regularização do Largo da Igreja, 50.000\$00; Pavimentação e reparação da Rua de Nuno Tristão, 50.000\$00; Construção de um parque para ténis e patinagem, 60.000\$00.

Na freguesia de Vila Nova Cacela: Urbanização da Praceta onde estão instaladas as escolas primárias do Plano dos Centenários, 100.000\$00, e construção de um mercado, 200.000\$00.

Além dos melhoramentos indicados, o plano de actividades do Município local prevê, ainda, para 1955, os seguintes estudos: Construção dos arruamentos de ligação à Praça Eng. Duarte Pacheco; Construção da Avenida do Alentejo; Urbanização do Bairro do Matadouro; Plano de urbanização de Monte Gordo.

Cremos ser escusado salientar a importância das obras e melhoramentos previstos. Eles falam por si mesmos, com bastante eloquência. E não obstante a efectivação de alguns deles oferecer as naturais dificuldades de realização — pois, por muito estranho que pareça, as dificuldades e obstáculos de ordem burocrática, mesmo para obras já projectadas, orçamentadas e aprovadas, são sempre de considerar — temos a certeza de que não serão poupados esforços para que o Plano se cumpra, transformando em gratas realidades algumas das principais aspirações do burgo pombalino.

PELA PROVÍNCIA OLHÃO

Regatas de Vela da Mocidade Portuguesa

Para comemoração do «Dia do Centro», tiveram lugar, na Ria Formosa (frente às Praças), no passado dia 26 de Setembro, em Olhão, regatas de Vela, com os seguintes resultados:

○ Lusitos: 1.º, José Fernando da Fonseca, de Olhão; 2.º, David José de Sousa, de Portimão; 3.º, José Ventura Guerreiro, de Faro, 4.º, Ilídio Fernandes Cardoso, de Vila Real de Santo António; 5.º, Vitor Santos Minhalsa, de Tavira, e 6.º, Agostinho Pacheco Rocha, de Lagos.

Snipes: 1.º, José Casaca e José Oliveira, de Olhão; 2.º, Vitor Varela e Fausto Xavier, de Faro, e 3.º, Luís Sousa e Manuel Guerreiro, de Tavira.

Sharpies 9 m2: 1.º, José Manuel Lopes, de Faro, e 2.º, Ilídio Coelho, de Olhão.

Colaboraram todos os Centros de Vela da M. P. do Algarve. Foram entregues medalhas aos 1.º, 2.º e 3.º classificados. — e.

Manuel Joaquim Serra (Cabeça)

Seus filhos e família agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.

Olhão, Setembro de 1954

A construção da 2.ª fase da Avenida da República, por exemplo, que inexplicavelmente se engasgou por alturas da Lota, aberração arquitectónica em estilo ovo estrelado (precursora do Pentágono americano, salvo o devido respeito e as respectivas proporções, é claro), é uma obra que se impõe, não só pelas necessidades do trânsito, como, principalmente, por imperiosa necessidade estética do que é, incontestavelmente, a principal artéria desta vila.

A Praça Eng. Duarte Pacheco é outro melhoramento que os vilarealenses acolhem de braços abertos, saturados do espectáculo tristíssimo que oferece a nossa terra a quem aqui chega, por estrada. E, de facto, tempo de proporcionarmos aos olhos de quem nos visita, e a quem aqui vive, melhor «paisagem» do que aquela que se disfruta presentemente.

A construção da estrada de acesso à Ponta de Santo António, a frequentadíssima praia popular que os vilarealenses tanto apreciam, já entrou, pode dizer-se, no domínio das certezas, visto que muito brevemente se iniciará a sua construção.

Como nota dominante deste plano de actividade camarária, figura a construção de um Hotel de turismo em Monte Gordo. Trata-se de uma aspiração antiga de todos quantos se interessam pela valorização e desenvolvimento da interessante praia com que a Natureza nos contemplou e que, segundo parece, não temos sabido apreciar convenientemente. E, enquanto essa aspiração não se transformar em realidade, Monte Gordo, há que reconhecê-lo abertamente, não passará da cepa torta. Será a praia que se evita, por falta das mais elementares comodidades — e onde só aparecerão os corajosos que estejam estoicamente dispostos a enfrentar os «costumes espartanos» — e as baratas!... — da pensão de espanhola. Ou que, em último recurso, se decidam pelo Hotel Guadiana, nesta vila, com os inconvenientes de estar longe da praia e de... Bem, isto fica para outra vez, para não darmos a estes ligeiros e despretenciosos apontamentos sobre o Plano Municipal o aspecto de lençol remendado.

Segundo parece, o arquitecto Paulo Cunha, que recentemente esteve em Monte Gordo, e a quem está confiado o plano de urbanização daquela praia, já se teria pronunciado sobre o local onde se deveria construir o Hotel. Por outro lado, sabemos que estão em curso as necessárias diligências tendentes à efectivação deste importante melhoramento, que transcende o simples interesse local para reflectir-se no mais alto interesse regional, pois representa uma contribuição muito valiosa para o desenvolvimento turístico do Algarve.

Finalmente, apaz-nos registar que se encontra prevista a urbanização do Bairro do Matadouro, importante aglomerado populacional a que nos referimos recentemente, apontando a necessidade de fornecer água e luz aos seus moradores.

Visado pela Comissão de Censura

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 24 a 30 de Setembro:

| TRAINEIRAS | |
|--------------------|---------------|
| Carmela | 136.370\$00 |
| Deolinda Rita | 133.445\$00 |
| Brisa | 112.820\$00 |
| Liberta | 99.395\$00 |
| Levante | 97.960\$00 |
| Agadão | 89.785\$00 |
| Maria Rosa | 87.155\$00 |
| Raulito | 85.355\$00 |
| Sam Domingos | 83.085\$00 |
| Bátnha | 70.955\$00 |
| Leste | 66.215\$00 |
| Infante | 66.240\$00 |
| Flor do Guadiana | 63.787\$00 |
| Tufão | 54.135\$00 |
| Pérola do Guadiana | 43.555\$00 |
| Janita | 36.665\$00 |
| N. Sr.ª da Pompeia | 22.970\$00 |
| Rosamar | 19.510\$00 |
| Pinguim | 17.020\$00 |
| Tôlniz | 15.850\$00 |
| Flor do Sul | 12.890\$00 |
| Norte | 12.040\$00 |
| Persistente | 8.110\$00 |
| Alvarito | 7.830\$00 |
| Boreal | 7.750\$00 |
| Costa Azul | 6.900\$00 |
| Noroeste | 6.700\$00 |
| Oca | 6.100\$00 |
| La Rose | 5.360\$00 |
| Praia do Van | 4.900\$00 |
| Nice | 3.920\$00 |
| Ponta da Piedade | 3.750\$00 |
| Gracinha | 3.730\$00 |
| Trio | 2.585\$00 |
| Jomanel | 2.580\$00 |
| Total | 1.497.447\$00 |

| CERCOS | |
|-----------------|-------------|
| Amazona | 87.560\$00 |
| Futuro de Olhão | 20.760\$00 |
| Restauração | 12.390\$00 |
| Portugal V. | 3.650\$00 |
| Azevedos | 2.680\$00 |
| Portugal I. | 2.220\$00 |
| Total | 129.260\$00 |

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 24 a 30 de Setembro:

| Entrados: | |
|--|--|
| GRANDSON, Suíço, de 616 ton., de Tânger, com carga diversa. | |
| ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Cete, vazio. | |
| TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga diversa. | |
| CONDESA, Espanhol, de 1.307 ton., de Ceuta. | |
| COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, com adubos. | |
| Saídos: | |
| GRANDSON, Suíço, para Génova, com conservas. | |
| ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério. | |
| TERCEIRENSE, Português, para os Açores, com sal. | |
| CONDESA, Espanhol, para Lisboa, com conservas. | |

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 2 a 8 de Outubro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda-Telefone 64.

Exposição de pintura

ENCONTRAM-SE expostos, desde ontem, nas montras da «Casa Trindade», desta vila, quatro interessantes quadros da autoria do nosso conterrâneo, sr. António da Encarnação Marques Ribeiro, cuja vocação artística já se revelou em diferentes trabalhos de pintura expostos anteriormente.

Accentuaremos, no entanto, que os trabalhos agora expostos revelam grandes progressos, pelo que apresentamos ao seu autor as nossas felicitações.

Junta de Freguesia

No refeitório de indigentes, mantido pela Junta de Freguesia, foi fornecido, no passado dia 25 de Setembro, um jantar oferecido pela sr.ª D. Maria Teresa O. Gomes Sanches, presidente da Comissão Municipal de Assistência deste concelho.

EMPREGADO/A

Sabendo bem escripturação comercial e com conhecimentos gerais de todos os serviços de escritório, admite-se.

Guerreiro, Cabrita & Guerreiro, Lda.
S. BARTOLOMEU DE MESSINES

EXILÁDA

Eu sou a monja, triste abandonada,
Que vive de olhos presos numa cruz
E mãos postas, em preces a Jesus,
Suplicando a ventura nunca achada.

Na minha cela, fria e isolada,
Só a dor me acompanha e me conduz.
Fujo da sombra e não vislumbro a luz;
Quero caminhar, e caio inanimada

Olho, através das grades, o além...
Mas tudo é ermo, não diviso alguém
Que suavise esta ânsia dolorida.

E assim, em convulsivas agonias,
Rezo o rosário negro dos meus dias,
No exílio onde passo a minha vida.

Ribeira de Santarém

HORTENSE MARQUES

SECÇÃO DE CINEMA

POR VITORIANO ROSA

A verdade sobre Hollywood — III

«O cinema americano atravessa uma fase de nítida decadência. Os poucos directores que constroem obras cinematográficas duma originalidade pura, ou são europeus ou estão completamente libertos dos trusts do senhor Louis B. Mayer, que domina os destinos da 3.ª indústria americana.»

(extraído da revista «Cinema», 1947)

As realidades de hoje superaram os mitos de ontem. As tintas dos cartazes tecnocoloridos de Hollywood empalideceram, as tempestades apagaram nas por completo. Da chamada Meca do cinema, partem para a Europa, num êxodo sem precedentes, os mais valorosos artistas e técnicos de Hollywood. Errol Flynn, John Huston, John Paxton, Orson Welles, William Wyler, Ingrid Bergman e todos quantos podem ousar a fuga, abandonam a vida embalsamada, o paraíso viciado de Hollywood.

Escravizado por capitais, concções e dogmas, vigiado por códigos chamados de moral (carthysme) por ligas de decência de um sectarismo extremo, o cinema americano caminha de rastos, num pântano de desumanidade, puxado, no fim de contas, por multimilionários como Rockefeller, Morgan, Rotschild, etc., da Wall Street.

Assim vegetando, o cinema americano, em vez de humanidade, cultiva a desumanidade. Os seus «astros» e as suas «estrelas», cujas cintilações raras vezes duram mais de dois filmes de destaque, caíram na artificialidade, não são nos filmes onde trabalham, como na própria vida real. Quantos divórcios por «crueldade mental», (!) anunciam os jornais sucessivamente!

Os Frankenstein, os Karloff, os Abotts, os super-homens, as vamps, produtos fabricados em série nas fábricas de ópio de Hollywood, formam, desde o princípio, uma sociedade irracional e desumana. E se obras diferentes, humanas e reais, ousam quebrar o ritmo da produção em série (como *Direito à Vida*, *As Vinhas da Ira*, *A torre de Cristal* e *O Sal da Terra*) e desnuda ainda mais a artificialidade da produção corrente—ou os seus autores capitulam perante as exigências dos patrões, ou sofrem as consequências mais terríveis, desde o desemprego até à prisão, como o demonstra o vergonhoso «processo dos dez».

Enfim, o cinema americano enfrenta um difícil «beco sem saída».

O Sal da Terra, agora premiado em Karlovy Vary, é porém, uma esperança que se acende no horizonte do cinema americano, de um novo cinema americano.

Cine-Clubes

Aos cine-clubes já existentes impõe-se a criação de uma Federação Nacional. Em França, a Federação Francesa dos Cine-Clubes, que reúne hoje quase 200.000 aderentes, nasceu apenas da iniciativa dos cinco clubes, existentes no princípio de 1945! De resto,

em 19 de Fevereiro de 1952, no «Diário da Manhã», Manuel Montinho, afirmava: «Hoje, com a existência da Cinemateca Nacional, com a existência, principalmente, do Fundo Nacional do Cinema, que pode e deve patrocinar tais tentativas, começa a ser possível estruturarem-se as bases de uma rede de clubes de cinema que viariam amparar os filmes de maior interesse.»

CINE-POZ

Apresenta, hoje, em matiné e soirée, respectivamente, às 15,30 e às 21,15 horas, o maravilhoso filme em technicolor, *Christian Andersen*, com Danny Kaye e Farley Granger Jeanmaire. Um filme que nos conta a vida dum homem simples e que consegue tornar-se, pela pureza da sua alma, na glória da Pátria.

Este filme, que levou 16 anos a conceber, é um sonho fantástico, em que a música, o bailado e a poesia criaram o espectáculo sublime.

Matinée (para indivíduos com mais de 6 anos).

Soirée (para indivíduos com mais de 13 anos).

Terça-feira, 5 de Outubro, a imortal obra de Victor Hugo *Nossa Senhora de Paris*, com Charles Laughton e Maureen O'Hara.

O filme mais grandioso e sublime de todos os tempos. O assalto à catedral e o pátio dos milagres.

(Para indivíduos com mais de 18 anos).

Quinta-feira, 7, sensacional programa duplo. *Tarzan e a mulher diabo*, com Lex Barker e Joyce Mac Kenzie. A força contra o mistério, a inteligência contra a superstição, e a fúria contra o ódio, numa cavalgada de imagens em que se reuniram dezenas de espantosas aventuras.

Morrendo para viver, com Victor Mature e Elizabeth Scott. Uma história que nunca havia sido contada. Um dos filmes mais emocionantes e que tem o campo de jogos por cenário. (Para indivíduos com mais de 13 anos).

Sócio capitalista

Disponha 5 a 10 contos, precisa-se para exploração negócio quase inédito no Algarve. Máx. honestidade.

Resposta ao correspondente deste jornal: Rua Vasco Pires, 87 — Portimão.



DESPORTO FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

Olhanense, 4 — Juventude, 0

O desafio que as equipas do Sporting Clube Olhanense e do Juventude de Évora disputaram, no domingo passado, no Estádio Padinha, em Olhão, nunca chegou a constituir um problema. Dados os primeiros pontapés, compreendeu-se que o grupo alentejano não se opunha aos locais em organização de jogo. Para vencer a sua presença, o Juventude necessitava, antes de mais, de audácia. Audácia que tinha forçosamente de estar bem em evidência nos primeiros lances do encontro, de modo a colocar o onze olhanense perante um problema, para o qual o grupo algarvio teria de encontrar solução, antes de poder pensar em impôr o seu jogo. Não aconteceu assim. Desta maneira, o Olhanense jogou como quis, manobrando com a vontade o seu adversário, ora galgando distância e gerando perigo. Fez quatro golos e nunca se lhe notou sofreguidão pela baliza adversária, nem pressas no remate.

Diga-se, desde já, que a defesa dos alentejanos jogou bem e lutou sem desânimo. Fausto Matos foi de todos os defesas aquele que mais lutou e se sacrificou. Fez uma boa partida. Casimiro e Gomes Reis, este, embora lesionado, cumpriram.

No Olhanense, Tavares foi a grande figura do encontro, pois, todas as vezes que foi chamado a inter-

vir, mostrou a sua boa forma. Vinício e Rangel, na linha da frente, jogaram bem. Os golos foram marcados dois em cada parte. No primeiro tempo, marcaram Gomes e Rangel. No segundo, Vinício e novamente Rangel de grande penalidade. O Juventude merecia, na verdade, o ponto de honra.

Lamentamos ver o Juventude nesta posição, pois a sua categoria ainda não foi por nós esquecida.

O Treinador do Juventude disse-nos:

No final do encontro, amavelmente, o treinador do Juventude, Rogério Contreiras, disse-nos:

— O jogo foi correcto, mas bem disputado. Próprio de campeonato. Gostei dos rapazes do Olhanense, que, embora jovens, mostraram sentido de jogo. De todos o que mais me impressionou foi Poeira, o ex-júnior, que fez uma estreia auspiciosa. Não gostei do trabalho do sr. Manuel Valente, de Beja, que apitou muito, mas fez pouco.

Herculano Valente

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

EDITAL

Eleições das Juntas de Freguesia

Doutor Alonso Vasques, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António:

Faço saber, no uso da competência que me confere o § 1.º do art. 230.º do Código Administrativo, que designo o dia 17 do mês de Outubro do corrente ano, para a realização das eleições das Juntas de Freguesia deste Concelho, pelos Chefes de Família inscritos nos respectivos recenseamentos, nos locais e horas a indicar oportunamente e nos termos do disposto no art. 233.º do citado Código, pelos Presidentes das referidas Juntas.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

E eu Emílio Tenório Piloto, aspirante, servindo de Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscrevi.

Paços do Concelho, 2 de Outubro de 1954,

O Presidente da Câmara Municipal,
Alonso Vasques

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ANDYK”

carrega em LISBOA em 27 de OUTUBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DIEMERDYK» — 2 de Outubro
«DURANGO» — 19 de Outubro

VIDA NOVA NO GLÓRIA

PORQUE a Direcção, eleita em Janeiro último, não estava a «carburar» bem, a assembleia extraordinária de 13 de Setembro resolveu eleger uma Comissão Administrativa, composta por cinco membros.

Os novos eleitos pretendem criar uma vida nova no Glória, mas para tanto necessitam do apoio de todos os associados. Efectivamente, embora toda a sua boa vontade e entusiasmo, nada conseguirão fazer, se os sócios não os ajudarem. A situação que encontraram foi simplesmente dolorosa: dívidas de algumas dezenas de contos, — algumas contraídas sem, sequer, constar das actas da Direcção o seu consentimento, ainda que para necessidades urgentes do clube; a inexistência de um inventário dos móveis, adornos e outros bens; uma lista bem grande de quotas em atraso, grande parte — estamos convencidos disso — por falta de cuidado em pessoalmente se tratar com os sócios em dívida para as satisfazerem; malquerenças entre associados, por coisas mínimas, ocasionando o abandono da sede por parte de uns e outros, e esquecendo-se de que a união é que faz a força e que a falta de frequência na sede, cerceando possíveis receitas do clube, traduz o desinteresse pela causa associativa; enfim, para não falarmos em falta de reuniões, um rosário de coisas aborrecidas.

Cinco homens de fé e de amor à agremiação, vão tentar levantá-la, «arrumar a casa», sanear as finanças, promover festivais, chamar o interesse dos sócios para a colectividade; quer dizer: vão procurar elevar o Glória a esplendor a que ele tem jus, pela sua antiguidade, pelo seu passado e pelo que ele já valeu. Mas...

Mas para isso, é absolutamente necessário que os sócios os ajudem, que ponham de banda pequenas questões, olhos postos apenas no bem e no interesse do Clube, e confiem na acção

dos componentes da Comissão Administrativa.

E todos podem ajudar: uns com o seu trabalho, o seu entusiasmo; os que podem, com o seu dinheiro; os que sejam crêdores, concedendo moratórias ou perdão, no todo ou em parte, as importâncias abonadas; os que tenham habilidade para a arte cénica, com a sua perseverança e assiduidade aos ensaios, para que as récitas agradem e marquem um período de renascimento do «velho Glória».

Passámos nesta ridente Vila um período de férias. Interessados, desde sempre, pela causa desportiva e recreativa, a acção de um amigo levou-nos até ao Glória, a auscultar os seus anseios, a sentir as suas necessidades e a verificar que, com a bela sede de que dispõe e dado que as agremiações congêneres atravessam uma «crise de estagnamento», muito poderia vir a ser e a contribuir para uma excelente função social, em Vila Real de Santo António. Faço votos para que na próxima vinda — para o ano, se Deus quiser — venha a encontrar um Glória remoçado e pleno de grandeza.

ASAS

UMA CAMPANHA EM MARCHA

MAIS DONATIVOS

PARA AUXILIAR

A CONSTRUÇÃO DO QUARTEL-SEDE

DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

COMISSÃO central de angariação de donativos, destinada a auxiliar a edificação de um quartel-sede para os nossos Bombeiros Voluntários, regista o recebimento de novas dádivas. O movimento prossegue, com a ajuda dos vilarealenses, e também com a simpática cooperação dos que, não sendo naturais desta linda terra algarvia, desejam, igualmente, com nobre e apreciável sentido de boa solidariedade, colaborar nesta benemerente iniciativa.

De facto, a Causa do Bombeiro é uma obra de interesse comum. Sem distinção de credos, raças ou nacionalidades, os Bombeiros a todos socorrem, nos momentos de perigo, com a mesma solicitude, sem prévia averiguação das condições particulares de quem reclama os seus préstimos. Devotadamente, desinteressadamente, eles acorrem pressurosos, abnegados até à própria vida, a oferecer gratuitamente os seus serviços. Justo é, portanto, que, igualmente, sejam todos a prestar-lhes o seu apoio numa obra que os bombeiros desejam ver concretizada e que, afinal, não representa mais do que um benefício para a comunidade, pois os bombeiros o que pedem para si não é, nem mais nem menos do que para, dar aos outros. A sua obra é de todos para todos. O seu lema, *Vida por vida*, bem o define. Por isso, continuamos o nosso apelo a todos quantos queiram auxiliar a nossa campanha, agradecendo desde já a sua proveitosa cooperação.

Com o nosso público agradecimento a quem teve a generosidade de nos enviar os seus donativos para este movimento, notificamos as importâncias recebidas:

| | |
|---|------------|
| Transporte | 10.976\$00 |
| Donativo do Sindicato dos Op. da Indústria de Conservas de Vila Real de Sto. António. | 50\$00 |
| Idem do sr. José Cândido Monteiro | 15\$00 |
| Idem do sr. Aurélio do Carmo Bonança | 5\$00 |
| Idem do Restaurante «Empurre» | 20\$00 |
| Soma | 11.066\$00 |

Admissão aos Liceus

e Curso Liceal

(1.º e 2.º ano) 1.º ciclo

Dão-se explicações

PREÇOS MÓDICOS

TRATA:
Rua Cândido dos Reis, 113

Trabalhos Tipográficos

Sacos de papel para chapéus
Sacos de papel para meias
Sacos de papel para gravatas
Sacos de papel para tecidos
EM TODOS OS GÊNEROS
BONS PREÇOS

Encarrego-me de todo o género de publicidade
Desenhos, Zinco gravuras, Fotogravuras, Bioromias, Tricomas, Róclamos Desenhados, Róclamos Impressos, Geteiros de Plástico Luminoso e Néon
Consulte sem compromisso
Armandino Simão - Portimão

Santa Casa da Misericórdia de Vila Real de Sto. António

Informa o Corpo Directivo desta Santa Casa que, durante este mês de Outubro, terá início a Secção de Cirurgia, podendo começar, desde já, a inscrição de todas as pessoas interessadas para a respectiva consulta.

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS

A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Saudação à Virgem!

REALIZOU-SE, nesta vila, a tradicional festa à querida Padroeira, Nossa Senhora da Encarnação. Veio mais uma vez deixar-nos na alma o perfume da vida espiritual verdadeiramente vivida!

A luz no templo irradiava sobre a estátua da Virgem de expressão dulcíssima e nimbada por seu dossel azul e branco. As flores levinhas a seus pés simulavam alvas nuvens que, atraídas por seu encanto e graça, viessem esgarçar-se em redor para saudá-la.

Saudá-la do fundo de alma como as próprias almas:

— Salve, ó toda pura!

Tão intensa claridade incidia sobre um anjo do altar, transfigurando-o; parecia vir depor a seu lado o seu lindo e Divino Filho:

— Jesus! A emergir do regaço azul e branco.

A assistência esteve religiosamente atenta à Santíssima Virgem e suspensa da santa missa. No ambiente sacro elevavam-se harmoniosos harpejos de vozes suaves e ondas de incenso.

O reverendíssimo cônego dr. Francisco Maria da Silva, distinto orador, falou.

Momentos foram esses de espiritual recolhimento a profunda a Voz de Deus que tão bem o ilustre sacerdote nos sabe fazer sentir e vibrar.

A sua veemente eloquência a alma ajoelha dentro de nós por sentir Deus presente!

O decurso foi bem ordenado na precissão; incorporaram-se várias associações, seguindo-se grande afluência de fiéis.

Ao anjo S. Gabriel, adornado a flores brancas e rosadas, seguia-se um cortejo de anjinhos vivos enternecedoramente piedosos.

E o andar da Virgem, ou melhor, a Virgem Santíssima em seu andar, surge adornada por flores esguias, finas e vaporosas como flocos de pura neve.

Circunda-a enorme resplendor de reflexos prateados oferecendo à sua mimosa doçura, divina majestade.

À beira de água, a Virgem suspende, parece debruçar-se sobre o Guadiana, e logo as sirenes lançaram brados altissonantes louvando a Virgem Mãe que em seu coração e seu olhar abençoava as águas, as margens da vila e todos os seus habitantes.

Os fogos de flamas incandescentes à passagem da Senhora, de regresso ao templo, ofereceram ao público aquele ar festivo de antigas tradições.

Assim esteve Vila Real em festa durante os dias 2, 3, 4 e 5, que nos deixou gratas recordações.

Cumpre-nos felicitar o nosso reverendíssimo pároco, senhor Joaquim Humberto Galhardo Palmeira, cujo zelo constante de há alguns anos há conseguido, para que assim seja, resultando o número sempre crescente de almas devotas e ansiosas por receber Jesus Sacramentado!

Elevaram-se ao Céu as preces fervorosas de todos os paroquianos num brado uníssono:

— Amantíssima Senhora, dá-nos a Paz universal e que seja sempre acima de tudo, Portugal a Terra Nossa — Terra de Santa Maria!

5-Setembro-1954 V. R.

REALIDADES E EUFEMISMOS DA POLÍTICA INDIANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

gal, — política sem justificação e ameaçadora da paz.

Mas, além desses factos, há aquilo a que pode chamar-se o eufemismo da política indiana, isto é, o parecer que diz sim quando diz não, o aparentar boa vontade quando na verdade nega todas as notas, — atitudes e omissões que só revelam má vontade. Assim aconteceu há dias, ao interpretar mais uma resposta portuguesa, quando a União quis criar na opinião indiana e na opinião internacional a impressão de que Portugal não aceitava uma observação internacional acerca da violação das nossas fronteiras. Ora o que Portugal não aceita são actos de ingerência na sua soberania nem observações parciais apenas no seu território; aceita, sim, uma observação de conjunto nos territórios portugueses e indianos sobre as causas que determinaram a usurpação de Dadrá e Nagar-Aveli e sobre a forma de estas parcelas da terra portuguesa voltarem à plena soberania nacional de que foram usurpadas, — o que é bem diferente.

Reposta a verdade no seu devido lugar, mais uma vez entre

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Estados Unidos: 1.344.696 quilos.

Exportaram-se 1.087.421 quilos de óleo de sardinha, dos quais 540.716 foram adquiridos pela Noruega e 415.000 pela Alemanha.

Frutos secos Igualmente no primeiro semestre deste ano foram exportados: 3.321.289 quilos de alfarroba triturada; 1.818.741 de grainha; amêndoa em casca, 56.505 quilos e em miolo, 2.965.617; figos secos, 353.387 quilos.

Os principais compradores de alfarroba triturada foram: a Itália, com 1.580.124 quilos e a Irlanda, com 1.482.866 quilos.

Exportação de cortiça Ainda no primeiro semestre deste ano, foram exportadas as seguintes quantidades de cortiça: aglomerados, 14.018.588 quilos; quadros, 190.020; discos, 1.279.618; rolas, 3.576.461; obra diversa, 289.972; aparas, 39.000.954; prancha, 17.174.834; refugo, 11.544.893; serradura, 4.728.332; virgem, 5.841.255.

O maior comprador de cortiça não manufacturada foram os Estados Unidos, com 29.552.920 quilos. O mesmo país foi também o maior comprador de aparas (22.819.074) quilos; de refugo, (4.166.852) quilos e virgem, (2.304.829) quilos. O maior comprador de prancha foi a Rússia, (5.307.980) quilos, e como primeiro importador de serradura figura o Reino Unido (1.895.865) quilos. Igualmente foi o Reino Unido o principal comprador de cortiça em obra, (4.702.581) quilos, seguido dos Estados Unidos com 3.399.329 quilos. A Alemanha figura à cabeça dos compradores de rolas com 872.406 quilos.

E' pena que disfrutando Vila Real de Santo António de condições excepcionais para a localização desta indústria, não se tenha ainda feito qualquer tentativa nesse sentido. O único homem que «viu», o malgrado Pedro José Candido, já não pôde dar corpo à sua ideia.

O Algarve e os C. T. T. Curiosos os números que vamos transcrever e que dizem respeito ao movimento dos C. T. T. na nossa província, no ano findo. Vendas de selos e bilhetes postais, 5.567.668\$90. Neste sector fomos ultrapassados, além de Lisboa e Porto, por Coimbra, Aveiro, Viseu, Santarém, Braga e Funchal. Rendimento de máquinas de franquear: Vila Real de Santo António (duas máquinas), 11.885\$60 e Olhão (uma máquina), 3.000\$00. São as duas únicas terras da província com máquinas. Registos, 395.307; encomendas postais, 44.561; valores declarados, 6.886.739\$00; cobrança de recibos, letras e obrigações, 14.522.315\$00; cobranças de correspondência e encomendas postais, 6.145.169\$00; vales de correio, 91.456.887\$00; telegra-

mas internos, 60.923; redes telefónicas, 17, quatro das quais com escalão superior a 200 assinantes (Portimão, Olhão, Vila Real de Santo António e Loulé) e uma de mais de 500 (Faro). Extensão da rede telefónica, 4.745,3 quilómetros; conversações urbanas, 1.327.000; conversações regionais e interurbanas, 680.164. (Muito falamos nós, os algarvios!). A linha telefónica internacional de Vila Real de Santo António tem 1.200 metros. Entre Faro e Vila Real de Santo António, há nove circuitos com o número médio de conversações diárias de 272, com a duração de 1.083 minutos. O factor de concentração desta linha é dos mais elevados do País (13), o que prova a necessidade de novos circuitos. Vem a propósito estranhar por que razão não há uma linha directa de Vila Real a Beja, o que além de facilitar as comunicações do Sotavento com Lisboa, serviria de circuito de recurso, quando se avariam os circuitos que ligam a província à capital. Entre Faro e Portimão, há doze circuitos com 784 conversações, no total de 3.422 minutos. O factor de concentração é também de 13. Entre Faro e Tavira, há nove circuitos com 211 conversações e o factor de concentração é apenas de 11. Entre Lisboa e Faro, há 23 circuitos e o factor de concentração é de 12.

Não poderiam os C. T. T. estender mais umas linhas para o Sul, a fim de evitar por vezes as longas e prejudiciais esperas a que não

há meio de nos habituarmos? Em dias de movimento de pesca, então a coisa é séria! Se nos arranjássemos dois circuitos por Beja, estamos convencidos de que os serviços melhorariam muito.

A decadência da conserveira de Setúbal Setúbal era, há vinte anos, o nosso mais activo centro conserveiro.

Hoje, infelizmente e por motivos que não é fácil explicar, está em franca decadência. Em 1935, tinha 63 fabricas, as quais produziram, nesse ano, 1.086.616 caixas. Actualmente, tem 33 fabricas e a sua produção o ano passado limitou-se a 240.633 caixas. A safra mais pobre registou-se em 1949, em que as 43 fabricas que então existiam produziram apenas 211.955 caixas.

A razão fundamental desta decadência é a falta de pesca. O mês passado a lota industrial rendeu somente 1.923.384\$00, menos 621 contos que em igual mês do ano passado. Acontece também que, devido à anormalidade que atinge o que foi o primeiro centro conserveiro do País, verificam-se casos singulares e que desnorream os armadores. Assim, apesar da grande falta de peixe, no dia 13 do mês passado, com pismo geral, o produto da pesca da traineira «Senhora do Cais» (cerca de 300 canastras), foi de 1.400\$00!

Por este caminho, mais se agravarão as desoladoras condições industriais da cidade sadina. — J. B.

SENSATO PROGRAMA DE TRABALHOS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

que reverterá em prestígio para o País.

Numa época em que anualmente se deslocam em passeio, graças às facilidades proporcionadas pela camionagem, dezenas de milhares de pessoas, não faz sentido que nas principais localidades e zonas turísticas não haja acomodação decente para as receber e também para alojar, durante alguns dias, o avultado número de turistas volantes ou de pouca permanência, que gostam de se demorar três ou quatro dias nos pontos mais dignos de serem disfrutados. O caso de Monte Gordo é único no País. Sendo como é, e distante de qualquer outra comparação, o melhor, mais ameno e mais apetecível trecho de costa peninsular, é a única praia portuguesa que não tem sequer uma pensão que satisfaça as mais elementares exigências. Daí que só a procure quem tem casa própria ou quem, desejando passar a época balnear, alugue moradia, quando a encontra.

Sem hotel, portanto, não há que vislumbrar o progresso da praia. E não há que ter receio de empreender a obra. Há alguns hotéis espalhados pela nossa costa e todos eles, na época própria, estão cheios, sendo preciso meter empenhos para obter alojamentos. E chega-se a pedir, como se pediu este ano na pensão de uma praiuzinha de meia-tijela, a duas dezenas de quilómetros de Lisboa, 150\$00 de diária por pessoa, e ainda ficando a dever favor...

Dado o desenvolvimento da praia e para que não aconteça o que se verifica com o casino, já exíguo para o movimento e mais acañado logo que se construa o hotel, conviria que este fosse dotado, pelo menos, de cem quartos ou então, não podendo já levar-se a cabo toda a obra, deixar-se espaço para uma futura e natural expansão. Todos sabem que quem uma vez demorou em Monte Gordo se alojar. Em nosso entender — um entender muito modesto — o hotel devia ser construído de molde a que durante o Inverno pudessem ficar ao serviço uns dez ou doze quartos para as pessoas fiores, que gostam e precisam de passar a época hibernal nas regiões marítimas do sul, onde o clima não é tão áspero e o sol brilha quase continuamente.

Construído o hotel, há um outro problema que requer extraordinário cuidado. E' o da sua exploração. Todos sabem que um hotel mal orientado é um caos e constitui um elemento nocivo para o turismo. Ho-

lor apreciável na economia da Nação, que de início se não previra, e pode ainda adquirir uma maior expansão, para o que lhe não faltam capacidade de produção, boa técnica e preferência dos consumidores.

Mas, toda a medalha tem reverso. Apesar da face aliciente que a fabricação de conservas de filetes de anchova apresenta, os industriais vêm, desde há anos, sofrendo grandes prejuízos, a ponto de muitos a terem abandonado, desiludidos.

A pesca do biqueirão é muito irregular e geralmente insuficiente para satisfazer totalmente as necessidades da indústria conserveira. Consequência fatal: concorrência ruínoza na lota, custo de produção exagerado, preços de venda do produto abaixo do seu custo.

A pesca do primeiro semestre, que decide duma boa ou má safra, foi este ano extraordinariamente baixa, em comparação com a de igual período dos cinco anos anteriores, apenas de 6% em relação a 1953, como se verifica pelos seguintes números:

| | | | |
|--------|-----------|--------|-----------|
| 1949.. | 3.054.221 | 1952.. | 879.785 |
| 1950.. | 1.511.719 | 1953.. | 2.847.649 |
| 1951.. | 1.964.402 | 1954.. | 175.028 |

Estamos, pois, perante um verdadeiro desastre da pesca, que se fará sentir gravemente na produção e exportação de filetes de anchova, no próximo ano.

E' evidente a necessidade de se utilizar um regulador da pesca do biqueirão, em quantidade e preço, para que a produção da conserva possa ser económica e a sua exportação lucrativa. Aquele, nas actuais circunstâncias, só pode ser obtido com a importação do biqueirão dos países onde ele abunda e o vendem barato, como a Espanha e Norte de África. Esbarramos, porém, com um óbice que destrói todas as vantagens que essa importação podia dar à indústria: a aplicação de pesados direitos alfandegários sobre o biqueirão anchovado, 5\$20 cada quilo, e que, acrescidos de cargas e descargas, frete, seguro e quebras, eleva ainda muito esta verba.

E' sabido que o preço que se obtém para a conserva nos mercados consumidores, não comporta tais encargos. A concorrência estrangeira é cada vez

A IMPORTAÇÃO DE BIQUEIRÃO ANCHOVADO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

mais acirrada e obriga-nos a acompanhar o nível dos seus preços mais baixos. E' o caso da Espanha, Marrocos, Argélia e Iugoslávia, que têm pescas de biqueirão mais volumosas e mais baratas, que lhes permitem custos de produção vantajosos dos filetes de anchova, além de que alguns destes países subsidiam a sua indústria conserveira. A Itália importa, sem encargos fiscais, o biqueirão anchovado que precisa, dos países que o vendem barato, e com ele produz filetes que nos fazem concorrência nos Estados Unidos.

A Noruega, a Suécia, a Dinamarca, fabricam os seus arenques (Clupea Harengus, Lineu), anchovados no estilo dos nossos filetes de biqueirão (*Engraulis Encrasiocoulus, Lineu*) que rotulam de «filetes de anchova» com o mesmo desembaraço com que lhes chamam «sardinha», quando enlatados frescos em molhos, induzindo em erro os consumidores atraídos pelos seus preços baixos.

O problema, sob este aspecto, gira, portanto, à volta da necessidade de se obter matéria prima abundante e barata para se conseguir uma produção económica. A solução mais viável seria, pois, nas actuais circunstâncias, autorizar-se a importação em regime temporário, isto é, isenta de direitos, do biqueirão anchovado destinado à laboração das fabricas durante o período do defeso. Esta importação seria feita em regime de contingente, administrado pelos Grêmios, que o distribuiriam pelos agremiados interessados, fixando-se o seu quantitativo anualmente, de acordo com as condições da nossa pesca.

Os interesses dos nossos armadores ficavam ressalvados por este sistema que lhes garantia a aquisição pela indústria conserveira de todo o biqueirão que pescassem.

Não há também o receio deste ser desviado para o consumo público, visto que só na filetagem ele pode ser valorizado.

Os benefícios da solução que preconizamos são indiscutíveis. Proporciona-se à indústria a possibilidade de obter, em condições favoráveis, o biqueirão anchovado de que necessita para satisfazer as suas encomendas, aumentá-las, mesmo, e manter nos países consumidores a posição que conquistou. De contrário, arrisca-se a ver o seu lugar ocupado por uma concorrência encarniçada, que espreita todas as oportunidades para se introduzir e assentar arraiais.

Haja em vista o que sucedeu em 1952, quando a exportação de filetes de anchova foi provisoriamente suspensa e logo a indústria iugoslava invadiu os mercados nossos compradores.

Drenam-se para o país alguns milhões de dólares com a exportação duma conserva cuja matéria prima foi adquirida com pagamento em moedas fracas, petetas ou francos.

Dá-se trabalho aos operários durante o período de defeso, três meses, em que as fabricas não laboram e eles só têm a garantia do salário de um a dois dias por semana.

Este aspecto doloroso do problema, não pode deixar, certamente, de impressionar quem tenha que dizer a última palavra sobre o assunto.

A Ponte de Castro Marim

CONTINUA

em lamentável estado

SEGUNDO noticiámos em 29 de Agosto, nestas colunas, as condições de conservação da ponte que liga esta vila, por Castro Marim, ao Baixo Alentejo, é de molde a causar apreensões para um futuro próximo, sendo todavia, nesta altura, já certos os prejuízos para o tráfego naquela estrada.

Como medida de precaução, os transportes rodoviários têm de moderar a marcha naquele local.

Tudo continua, porém, na mesma, isto é, para pior, cada dia que passa sem que se tomem providências.

pectáculo de ruínas abandonadas e casinhotos sórdidos, em pleno coração da vila. Tal como os fanáticos da Idade Média, apetece gritar: à força com eles!

JOB